



Cultura e identidade gaúcha

A identidade de uma pessoa passa por ela ser reconhecida por um nome que pode ser igual ao de outra pessoa, mas a voz de seus amores, o contexto em que vive e outros fatores fazem com que saiba que é o SEU nome. Esse nome, que é só seu, embora comum a outros tantos, traz vivência, sensações, emoções e confere a segurança de ser parte de um mundo, de ter essência, tempo e espaço seu e do seu grupo de convivência.

Isso também acontece com os povos. A sua identidade como nação tem um nome que traz histórias de conquistas, colonizações, fusões, integração de culturas, formação, vivências, vida! Essa identidade vem de um longo período de construção de sua cultura, estruturando o que é hoje.





Na cultura de um povo, as tradições são os conhecimentos obtidos pela convivência em grupo e passados de geração em geração, vivendo-os de forma constante, sem interrupções e adaptados à realidade do tempo presente. Elas organizam a compreensão de mundo de um povo, pois fundamentam-se na religiosidade, crenças e costumes, na produção e uso de tecnologias e na arte que expressa tudo isso. Dão a ele símbolos próprios para sua história, maneiras de viver, rituais religiosos, de trabalho e de lazer e a sensação de preservação. Embora seja dinâmica e se adapte ao novo, mantém valores que dão segurança de não perder sua identidade.

Falemos então de um determinado povo e a construção de um SER que lhe dá formaS, coreS, linguagens, expressÕES... o povo gaúcho e O gaúcho.

Há bem pouco tempo, o termo “globalização” definia o fenômeno de acesso facilitado e integração dos povos e hoje já não se fala tanto nisso, porque é algo comum e parte de nosso dia a dia. Os povos antigos tinham acesso a outros, mas com grandes dificuldades e com



a necessidade de um espaço de tempo muito grande para tal. Isso fazia com que as interações custassem a acontecer e as culturas precisavam de um tempo muito grande ou de imposição pela força ou pela coerção para serem aceitas ou vivenciadas por outras identidades culturais.



O Rio Grande do Sul teve em sua formação a influência de vários povos, de várias culturas, que vieram pela necessidade de colonização e que se diversificavam devido à luta pelas terras, pelo interesse político e econômico dos colonizadores que precisavam povoar para garantir o território conquistado. Assim, surge um SER criado por histórias contadas, forjado por diversos tipos, ideias e ideais, pelos nativos e por diversas culturas colonizadoras, sendo a rebeldia em pessoa e ações e depois mesmo fixo a um espaço, o esteio de um povo tendo como valor principal a liberdade.

Mesmo correndo o risco de se perder na modernidade e na mistura fácil de culturas, os valores desse Ser, passados de geração em geração, a essência do SER gaúcho, conceito difícil de expressar com a escrita, mas



que se manifesta nas expressões orais, nos rituais diários, nas escolhas, nas expressões corporais, nas interações, o gaúcho É! Porém, o tempo e as coisas do tempo, entre elas o acesso rápido e fácil ao restante do mundo, encolheram o espaço do que era normal e comum a este povo e então gaúchos buscaram a resistência institucionalizando a tradição, organizaram pesquisas, buscaram raízes, deram ampla visibilidade ao que era de dentro de nossas casas, de nossos galpões, de nossos campos e de nossas cidades, mostraram ao mundo o que é nosso, fizeram da nossa cultura nossa marca. O tradicionalismo nos deu visibilidade, nos organizou, nos mostrou algumas raízes e referências para que não nos perdêssemos no global. Fez com que as novas gerações gostassem de Ser também!

Mas o mundo não para e o tempo que é antigo para nós se esvai em histórias vagas expressadas parcamente nos livros, na arte, na fala. O corpo se adapta aos novos movimentos, as expressões corporais manifestam as ideias de um tempo novo com mais possibilidades. Os alimentos surgem nas mesas sem



que víssemos como eles nascem, se criam, se transformam em energia para nossos corpos. O próprio movimento de resistência luta para persistir a tudo isso e precisa se adaptar às novas guerras, às novas lutas que este Ser enfrenta na sociedade moderna, que exige um trabalho diferente, uma educação formal mais profunda, com relações fluidas, mudanças rápidas e nem sempre bem estruturadas, valores diferentes convivendo com a necessidade de manter os “velhos” para sobreviver.

Por estes e tantos outros motivos, mais do que nunca a tradição livre de nossos atos deve ser valorizada e incentivada, em tempo que o valor liberdade volta a ser pensado, a essência precisa ser invocada e convocada para nos salvar, e precisamos ser chamados pelo nome que nos identifica e nos traz a identidade deste povo. Os mais velhos para as futuras gerações, que são nossos avós, nossos pais e nós (sim, nós) são hoje a essência de quem vier. Precisamos valorizar os rituais de nossas casas, do campo, a arte que projeta tempos e ideias valorizadas e amplamente divulgadas, suas possibilidades adaptadas às necessidades



do tempo hoje, gostos, costumes, artesanato, os meios de comunicação de tudo isso desde o virtual das ondas de rádio ao novo virtual, as brincadeiras das crianças e sua interação com a vida deste Estado, deste Ser, desta aldeia no mundo.



Registrar nossas façanhas contemporâneas, as façanhas da gente que mantém a essência do Ser gaúcho, que mesmo oculta resiste e existe. Somente assim sobreviveremos como cultura, como povo. O registro da tradição no tempo de nossos avós e pais, no nosso tempo que continua produzindo cultura, para que nossos descendentes tenham referência, identidade. Porque para eles nós seremos seu passado e não somente os personagens de um tempo que não conseguem imaginar. Olhar, cultivar e registrar a cultura que temos em nossos gestos, falas, ações e sentimentos é preservar o que nos identifica, o que sustenta nossa essência como povo e que dará aos que virão base para viver com a modernidade sem perder valores perenes. Continuarão Sendo gaúchos por identidade.

Sandra Lima

